

Avicena (Ibn Sina)

A filosofia e sua divisão¹

Tradução e notas: Jamil Iskandar

Sobre o ser Humano

O homem pertence aos animais. Lhe é própria, porém, uma alma humana denominada alma racional, sendo a racionalidade a mais célebre de suas ações e o seu primeiro vestígio peculiar. Com a expressão deles² alma racional, não significa que ela é apenas o princípio da Lógica, mas esta expressão tornou-se um cognome para a sua essência³.

Ademais, a alma tem certas propriedades⁴: algumas destas propriedades lhe pertencem pela via da percepção, outras pela via da ação e outras pela via da passividade.

Quanto às que lhe pertencem pela via da ação no corpo e da passividade, é uma ação que não procede da abstração (feita) por sua essência. Porém, quanto à percepção que lhe é própria, é uma ação que procede da abstração (feita) por sua essência; não necessita do corpo. Expliquemos cada uma delas⁵.

Quanto às ações que procedem dela com associação do corpo e das potências corporais tem-se a intelecção e a reflexão sobre as coisas particulares concernentes ao que deve ser feito e ao que não deve ser feito, de acordo com a opção (que se faz). Pertence a esta parte a descoberta das artes práticas e a execução das mesmas como, por exemplo, a navegação, a agricultura, a tinturaria e a carpintaria.

Quanto às passividades, são disposições que seguem as aptidões que se apresentam ao corpo com associação da alma racional como, por exemplo, a aptidão para o riso, para o

¹ A tradução teve com referência principal as seguintes obras: IBN SINA [AVICENA]. Al-Shifá' [A Cura]. [Edição em árabe do milenário de Avicena]. Cairo, 1980. v. 1; IBN SINA [AVICENA]. Ilahiyyát [metafísica], [Edição em árabe do milenário de Avicena]. Cairo, 1980. v. 1; IBN SINA [AVICENA]. Al-Tabi'iyat: Al-Samá' al-Tabi'i-[A Física: Audição Natural]. [Edição em árabe do milenário de Avicena]. Cairo, 1983; GOHLMAN, W. E. The Life of Ibn Sina: A critical edition and annotated translation. Albany: State University of New York Press, 1974.

² Deles: é uma referência aos que de modo geral se utilizam deste nome

³ Para a sua essência: para a essência da alma

⁴ Propriedades: entenda-se no sentido de características próprias da alma

⁵ Delas: relativo às propriedades mencionadas no parágrafo anterior

choro, para a vergonha, para o pudor, para a clemência, para a compaixão, para o orgulho e para outras coisas.

Todavia, quanto àquilo que lhe é próprio – ou seja, a apreensão – é a concepção dos conceitos gerais. Temos a necessidade de ilustrar para você como se dá esta percepção. Dizemos: cada pessoa é, por exemplo, um ser humano, porém, há coisas que não lhe pertencem como ser humano. Contudo, não se isenta delas na existência como, por exemplo, a definição de suas medidas, sua cor, sua aparência e aquilo que é notório nele e outras coisas deste tipo.

Todas estas coisas, mesmo sendo humanas, não são condições para que ele seja humano, caso contrário, todas as pessoas seriam iguais neste âmbito. Apesar disso, inteligimos⁶ que há algo, ou seja: o ser humano. Que pobre é o discurso daquele que afirma o seguinte: o ser humano é esta totalidade percebida (pelos sentidos)!

Você não encontra duas totalidades numa única situação. Estas situações estranhas acompanham a natureza pelo aspecto da aceitação por sua matéria e por sua forma: cada pessoa tem a combinação de uma matéria de acordo com uma mescla e aptidão próprias.

Combina, também, (para cada pessoa) um momento e um tempo e outras causas auxiliares a fim de alcançar estas situações para as quididades⁷ pelo aspecto de suas matérias. E em relação aos sentidos: se o ser humano inteligir (pelos sentidos) imprime-se nele uma forma (sensível) qualquer do ser humano porque esta forma está associada a estes acidentes e situações do corpo.

Não há outro caminho para a forma a não ser a impressão nela da abstração da quididade de um ser humano para que haja algo nela que se assemelhe a esta própria quididade. E isto se evidencia com o mínimo de observação. É como se os sentidos abstraíssem esta forma da matéria e a tomassem para si, mas é uma abstração de modo que se a matéria se ausentar, ausenta-se a abstração, pois houve abstração com vínculos acidentais materiais. Portanto, não há refúgio para os sentidos a não ser a abstração da forma.

Porém, a imaginação abstrai a forma de modo mais acentuado do que este. Por este motivo, preserva a forma mesmo que a matéria se ausentar, no entanto, aquilo que é visto

⁶ Opta-se pela utilização da palavra inteligimos, bem como das outras variações que se apresentam nas páginas subsequentes, ainda que a forma conjugada não exista na Língua Portuguesa. Justifica-se essa escolha para não comprometer o sentido conceitual do texto, pois não há outro termo que substitua o seu equivalente em árabe.

⁷ Quididades. A expressão quididade foi introduzido no vocabulário filosófico a partir das traduções latinas do árabe. Significa essência necessária.

pela imaginação a partir da forma extraída do ser humano, por exemplo, não está abstraído dos vínculos materiais. A imaginação não imagina uma forma a não ser por um certo modo que o sentido pode fazer chegar a este modo. Quanto à (faculdade) estimativa, caso certifique-se de uma noção que não seja pelos sentidos, não a abstrairá a não ser como criada a partir de uma forma imaginativa.

Deste modo, não há, então, caminho para estas faculdades conceberem a quiddidade de alguma coisa abstraída dos vínculos com a matéria e seus acréscimos, exceto a alma humana. Ela é a que concebe cada coisa por sua própria definição tal como a coisa é, sem os vínculos materiais; e esta é a noção que deve ocorrer a muitos, como o ser humano, enquanto é apenas ser humano.

Portanto, a concepção destas noções leva a concepções que serão produzidas por adequação com a via do enunciado decisivo⁸.

A coisa do ser humano a partir do qual procedem estas ações chama-se alma racional; e esta tem duas faculdades: uma delas está preparada para o aspecto prático e direciona-se ao corpo. Por intermédio dela distingue-se entre o que deve-se fazer e o que não se deve fazer e o que pode ser embelezado⁹ ou detestado nas coisas particulares. Isto chama-se intelecto prático. Ele se aperfeiçoa nas pessoas através da experiência e dos costumes¹⁰.

A outra, é uma faculdade que está preparada para a especulação¹¹ e para o intelecto próprio da alma e dirige-se para o que é superior. Por intermédio dela alcança-se a Emissão Divina. Esta faculdade, às vezes, pode estar em potência, não praticando nenhuma ação nem perceber¹² mas, tem aptidão para inteligir os inteligíveis. Isto é denominado intelecto em potência e intelecto material.

⁸ Enunciado decisivo: Tradução de “qawl jázim”. Na lógica, o enunciado decisivo designa uma proposição. De acordo com Ibn Sina, “o enunciado decisivo é o que é possível que seja crível ou que seja falso, e isto chama-se proposição (qadiya). Cf. Mawsu‘át Mustalahát Ibn Sina (GIHAMY, G. Encyclopedia of Ibn sin’as – Avicennas –terminology. Beirut: Librairie du Liban Publishers, 2004, p. 902)

⁹ Embelezado: no sentido de que pode ser considerado bom. É comum na língua árabe o uso da palavra belo com o sentido de bom.

¹⁰ Costumes: utilizada com o sentido de hábito.

¹¹ Especulação. Relativo à faculdade especulativa.

¹² Perceber: tradução da palavra tasawur isto é, perceber pelo intelecto.

Há uma outra faculdade pela qual se vai ao ato a fim de que ocorram à alma os primeiros inteligíveis pelo modo (da ocorrência) que estamos mencionando. Isto chama-se intelecto em hábito.

Há um terceiro grau, qual seja, que ocorram à alma os inteligíveis adquiridos e, assim, a alma torna-se intelecto em ato; e estes próprios inteligíveis chamam-se intelecto adquirido pois, tudo que sai¹³ da potência ao ato certamente sai por intermédio de algo que lhe faz adquirir aquela forma. Portanto, o intelecto em potência, certamente, torna-se intelecto em ato por uma causa que lhe faz receber os inteligíveis e cuja influência tem continuidade nele. Esta coisa é aquela que faz o intelecto ser agente em nós.

Não há nada nos corpos com estes atributos. Então, esta coisa é intelecto em ato e agente em nós e recebe o nome de intelecto agente. Comparativamente aos nossos intelectos, é como comparar (a luz) do sol para nossas visões. Tal como (a luz) do sol ilumina nossas vistas e as faz chegar à visão, assim também é a influência do intelecto agente; ilumina nossas imaginações¹⁴ e abstraindo os acidentes da matéria, converte-as em inteligíveis e os transmite à nossa alma.

Sendo assim, dizemos: a percepção dos inteligíveis é algo próprio da alma, sem (intermediação) de um órgão porque você soube como devem ser as ações que ocorrem por intermédio do órgão, e percebemos que as ações da alma são contrariantes a estas ações.

Se (os inteligíveis) fossem inteligidos por um órgão, o órgão entenderia sempre pois, é imprescindível: ou o órgão entende com a concretização da forma pelo órgão ou com a concretização de uma outra forma. É impossível que alguma coisa seja entendida pela forma de uma outra coisa é necessário que concretize sua própria forma. E a concretização de sua forma não se isenta de certos aspectos: ou a forma se concretiza na própria alma divergindo do órgão, ou a forma se concretiza no próprio órgão, ou, ainda, a forma se concretiza nos dois juntos.

Se a forma se concretizar na alma estando a alma divergente, então, a alma tem uma ação própria porque aceitou esta forma sem que se instalasse junto com ela no órgão. Se a concretização da forma ocorrer no órgão, é necessário, então, que a ciência¹⁵ se dê sempre por intermédio do órgão; e, então, a concretização da ciência dá-se por intermédio da

¹³ Sai: literalmente passar, que passa de um situação à outra.

¹⁴ Imaginações: é uma referência à faculdade imaginativa.

¹⁵ Ciência: sinônimo de conhecimento.

concretização da forma no órgão. Se a concretização ocorrer nos dois isto se dará sob dois aspectos: um destes aspectos é que, caso concretize-se num deles, vai se concretizar no outro, em função da junção das duas essências. Se a forma estiver no órgão, é necessário que esteja também na alma, caso (a forma) se concretize em função da junção das duas essências. Deste modo, portanto, é necessário que ou a ciência seja permanente ou necessite da concretização de uma outra forma proveniente da principal e, assim, haverá no órgão duas formas duas vezes. Mas é impossível a multiplicidade da forma, a não ser que seja através de suas matérias e seus acidentes.

Caso a matéria seja única e os acidentes únicos, não haverá duas formas, mas uma única forma. Além disso, se houver duas formas não haverá diferença entre ambas sob nenhum dos aspectos e não será necessário que uma delas seja inteligida sem a outra. Se perdoarmos¹⁶ dizendo que a forma não está preparada para ser inteligida sozinha quando não houver outra forma, é imprescindível dizermos que cada uma das duas formas será inteligida.

[...] Se a condição da concretização das duas formas neles (no órgão e na alma) não ocorre pela via da associação, mas pela via da concretização em cada um deles de uma forma que não é igual quanto ao número a que está no outro, então o discurso é retomado no sentido de que a alma, em função de seu isolamento¹⁷, tem uma determinada forma e uma determinada faculdade.

Ficou, portanto, evidenciado, do que foi exposto, que a alma tem ações próprias e aceitação da forma inteligida, cuja forma não cessa no corpo. A substância, em função de seu isolamento, é, então, o lugar desta forma.

[...]

Com efeito, ficou evidenciado que quem percebe os inteligíveis, e neste caso é a alma humana, é uma substância que não se associa à matéria; é isenta de corpos, sua essência é isolada pela subsistência e pelo intelecto.

¹⁶ Perdoarmos: no sentido de “se concordamos”.

¹⁷ Isolamento: que está separada.